

PAUL FEYERABEND: CONTEXTUALIZAÇÃO, PLURALIDADE, RELATIVISMO E REALISMO NA CIÊNCIA

Halina Macedo Leal

Universidade Regional de Blumenau, Brasil

orcid.org/0000-0001-6724-4622

RESUMO: Paul Karl Feyerabend (1924-1994) desenvolve uma crítica contundente a epistemologias universalistas e à imposição de um conhecimento universal. Com isso, Feyerabend abre espaço para que se pense o âmbito científico e epistemológico em termos de contextualidade e pluralidade. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o presente artigo busca apresentar como a crítica feyerabendiana conduz à consideração de um racional contextual-plural na ciência e de como isso reflete numa postura que defende um certo grau de relativismo sem perder o aspecto realista do empreendimento científico. É possível articular as noções de contextualização, pluralidade, relativismo e realismo, na perspectiva feyerabendiana, desde que sejam consideradas as várias fases de seu pensamento e especificações no que se refere às conceituações de racionalidade, relativismo e realismo.

PALAVRAS-CHAVE: Feyerabend. Contextualização. Pluralidade. Relativismo. Realismo.

PAUL FEYERABEND: CONTEXTUALIZATION, PLURALITY, RELATIVISM AND REALISM IN SCIENCE

ABSTRACT: Paul Karl Feyerabend (1924-1994) develops a scathing critique of universalist epistemologies and the imposition of universal knowledge. With this, Feyerabend opens space to think about the broader scientific and epistemological scope in terms of contextuality and plurality. Through bibliographical research, this article seeks to present how Feyerabendian criticism leads to the consideration of a contextual-plural rationale in science and how this reflects a stance that defends a certain degree of relativism without losing the realistic aspect of the scientific enterprise. It is possible to articulate the notions of contextualization, plurality, relativism, and realism in the Feyerabendian perspective, if the various phases of his thought and specifications are considered about the conceptualizations of rationality, relativism, and realism.

KEYWORDS: Feyerabend. Contextualization. Plurality. Relativism. Realism.

INTRODUÇÃO

Paul Karl Feyerabend (1924-1994) ocupa uma posição peculiar nas discussões filosóficas acerca da ciência. Suas ideias sobre a conduta razoável dos cientistas operam na direção de elucidar e resolver as dificuldades de compatibilização de critérios ou padrões científicos permanentes e circunstâncias variadas, e variáveis de aplicação de tais critérios e padrões. Embora sempre com cerne pluralista, seu pensamento percorre distintas fases. Uma primeira fase ocorre entre as décadas de 1950 e 1970. Nesse período, ele utiliza pressupostos do racionalismo crítico para defender sua perspectiva pluralista. Numa segunda fase de expressão de suas ideias, entre as décadas de 1970 e 1990, ele busca, a partir de uma análise interna aos denominados sistemas racionalistas, apresentar as incoerências de tais sistemas, sendo identificado por isso como o “rebelde”, o “terrorista epistemológico”. Já na terceira fase de seu pensamento, de 1990 até seu falecimento, em 1994, ele faz um acerto de contas com sua filosofia. Essa última fase é representada sobretudo pela terceira edição de *Contra o Método*, pelo texto *Potencialmente, toda a cultura é todas as culturas, Conquista da Abundância* e sua autobiografia *Matando o Tempo*.

A segunda fase do seu pensamento é o momento em que suas análises não são expressas por meio da apresentação direta de uma teoria da ciência, do método ou da racionalidade científica, mas são apresentadas através da negação de características atribuídas ao racional em sentido clássico como, por exemplo, as características de neutralidade, universalidade e formalidade.

A crítica feyerabendiana se direciona principalmente às metodologias, traduzidas em termos de padrões racionais, ou racionalismo, do Positivismo Lógico e de Karl Popper. A partir dos argumentos críticos a essas duas abordagens, é possível compreender sua crítica à “ciência normal” de Thomas Kuhn e à abordagem lakatosiana dos “programas de pesquisa”, principalmente a importância atribuída por Imre Lakatos às razões lógicas e empíricas. Feyerabend procura demonstrar que, embora distintas, tais abordagens, ao defenderem um certo grau de universalidade na condução de pesquisas, inibem a liberdade e a criatividade humanas necessárias, segundo ele, à ciência.

Com sua crítica, Feyerabend busca evidenciar não somente as falhas dos critérios do racionalismo vigente, mas o que efetivamente foi alcançado no âmbito científico, seja pela aplicação de regras do próprio racionalismo, seja através de procedimentos considerados irracionais na perspectiva racionalista. Nesses termos, a abordagem feyerabendiana não implica simplesmente uma crítica negativa aos padrões racionais. Sua postura crítica e sua proposta de

olhar para a multiplicidade científica atualizam a possibilidade de consideração da racionalidade em termos diversos aos da universalização de critérios e padrões de investigação científica defendida pelo racionalismo criticado por ele. Sobretudo na terceira fase de seu pensamento, é possível identificar seu percurso reflexivo que vai da crítica, da identificação e conceituação do “anarquismo epistemológico” à defesa de um pluralismo racional.

Ao ser identificada uma perspectiva plural na proposta feyerabendiana, surgem questionamentos a respeito de se sua abordagem pode ser caracterizada como relativista e em que medida tal abordagem contempla o realismo na ciência.

Nesses termos, o presente artigo visa apresentar, por um lado, uma possível articulação entre as noções de racionalidade e relativismo no pensamento feyerabendiano e, por outro, objetiva apresentar como tal articulação permite compreender a postura realista de Feyerabend. Para tanto, num primeiro momento, será exposta a crítica de Feyerabend ao racionalismo no sentido tradicional, a qual, num segundo momento, permite depreender sua postura racional contextual-plural. Na sequência, serão apresentadas análises acerca do relativismo no pensamento feyerabendiano para, num quarto momento, a partir do movimento de avanços e recuos que ocorre na produção de suas ideias, ser identificada a abordagem realista de sua visão de ciência.

1 – A CRÍTICA FEYERABENDIANA

A postura crítica de Feyerabend está expressa fundamentalmente na sua argumentação referente ao anarquismo epistemológico, à contraindução e à incomensurabilidade.

Com o anarquismo epistemológico, ele pretende demonstrar que todas as metodologias têm limitações, no sentido de não ser racional privilegiar um conjunto único, fixo e universal de regras científicas, pois, na prática efetiva da ciência, essas regras frequentemente têm de ser violadas.

Apesar de apontar para tais limitações, ele não afirma que essas metodologias são desprovidas de importância e devem ser completamente abandonadas. Para ele, embora na investigação prática as regras frequentemente falhem onde deveriam proporcionar uma base segura de orientação, elas também permitem que se chegue a situações de sucesso científico. Segundo Feyerabend, todas as regras têm os seus limites, mas não se deve proceder sem elas. O anarquismo feyerabendiano não envolve a recusa de todo princípio, de todas as regras e

critérios na orientação de pesquisas, mas a recusa de um princípio absoluto que oriente todas as pesquisas.

É nesse contexto que o autor professa, para aqueles que não conseguem evitar a busca de um princípio que seja aplicável a todo e qualquer contexto, o princípio metodológico *tudo vale* (*anything goes*). *Tudo vale* é uma expressão da crítica de Feyerabend à busca de regras que sejam aplicáveis a todos os momentos do fazer científico.

Em síntese, é possível afirmar que o princípio *tudo vale* permite apreender o anarquismo epistemológico nos termos de uma proposta metodológica pluralista para a ciência, ou seja, nos termos de um pluralismo científico metodológico. Esse pluralismo é sustentado pelo que Feyerabend denomina de princípio de proliferação de ideias e teorias. Porque para ele, cito:

(...) a unanimidade de opinião pode servir a uma igreja, às vítimas aterradas ou ávidas de um (antigo ou moderno) mito, ou aos seguidores fracos e voluntários de um tirano. A variedade de opiniões é necessária ao conhecimento objetivo. E um método que encoraje a variedade é também o único método compatível com uma perspectiva de humanidade (FEYERABEND, 1993, pp. 31-32).

O anarquismo epistemológico em conjunção com a crítica feyerabendiana ao fundacionalismo empirista conduzem à ideia de contraindução. A contraindução vai de encontro à orientação do empirismo indutivista de somente aceitar teorias que concordem com dados bem estabelecidos. A contraindução se contrapõe à atitude científica caracterizada pelas regras de: (1) só aceitar hipóteses que se ajustem a teorias confirmadas ou corroboradas (condição de consistência); (2) eliminar hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos.

Feyerabend mostra que a regra (1) não se sustenta, pois torna irrelevante a exploração de alternativa teóricas para acesso à experiência; supõe que a experiência seja totalmente independente da teoria, mas, segundo ele (assim como Popper e Lakatos), a teoria permeia a experiência empírica. A regra (2), por sua vez, eliminaria qualquer teoria, pois não há uma só teoria que concorde quantitativa e qualitativamente com todos os fatos de seu domínio.

Feyerabend aponta a irracionalidade do racionalismo e defende a razoabilidade, não exclusiva, dessa irracionalidade. E é isso que ele denomina de contraindução caracterizada pelas seguintes regras: (1) introduzir hipóteses que não se ajustem a teorias aceitas e confirmadas; (2) introduzir hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos.

A contraindução apresenta-se como razoável, na medida em que as contrarregras que a caracterizam aparecem como necessárias à observação dos fenômenos e à discussão crítica

pretendidas pelo racionalismo, o que é confirmado, segundo ele, por um exame da prática científica.

A incomensurabilidade é sustentada por ele a partir de uma “teoria contextual do sentido”, segundo a qual o sentido de um termo não é intrínseco a ele e depende, portanto, do contexto teórico do qual faz parte. Feyerabend defende, assim, a existência de pensamentos incomensuráveis entre si; estágios incomensuráveis no desenvolvimento da percepção e do pensamento do indivíduo e a incomensurabilidade de princípios ontológicos condicionantes de ideologias subjacentes a diferentes culturas que tornam sem sentido certos princípios e agem à base das cosmovisões encerradas nas teorias científicas (FEYERABEND, 1988, pp. 275-276). Para ocorrer a incomensurabilidade, o uso de qualquer conceito de uma das teorias deve tornar sem sentido os conceitos da outra, o que ocorre quando há teorias abrangentes, com diferentes fundamentos ontológicos. Ele afirma que essas teorias, além de darem conta, nos seus próprios termos, de todos os fenômenos do seu domínio, fornecem meios de proceder seus testes, delimitando o âmbito dos fatos possíveis e possíveis questionamentos.

A partir de tais argumentos, Feyerabend aponta, assim, para a impossibilidade de perspectivas científicas universalizantes.

2 – O RACIONAL CONTEXTUAL-PLURAL

Da postura crítica de Feyerabend, é possível depreender sua proposta acerca da racionalidade na ciência. Essa proposta molda-se no decorrer de sua obra, ou seja, das fases do pensamento de Feyerabend, e torna-se explícita e elaborada em seus escritos tardios da terceira fase. Em tais escritos, o autor analisa as relações entre princípios universais e contextualização de forma mais detalhada, permitindo que se aponte a contextualização do racional.

As análises das ideias de universalidade e de contextualização estão expressas nas reflexões do autor acerca das interações entre ciência (ou prática) e razão (ou racionalidade).¹ Com relação a esse ponto, Feyerabend realiza um exame do que denomina de idealismo, naturalismo e anarquismo ingênuo.

¹ Nesse momento, Feyerabend identifica ciência com prática e razão com racionalidade para salientar a existência efetiva de uma multiplicidade de empreendimentos científicos e a pretensão, de algumas filosofias da ciência, de estabelecer padrões universais de orientação desses empreendimentos. Com isto, Feyerabend objetiva examinar as possibilidades de relações dessa multiplicidade com esses padrões.

Na perspectiva do idealismo, a razão guia a prática, ou seja, a razão orienta a prática de acordo com suas próprias exigências. Para Feyerabend, as dificuldades dessa proposta residem no fato de que o idealista deseja “agir racionalmente” e pretende que suas ações racionais conduzam a resultados que não apenas se tornam efetivos no âmbito das idealizações que utiliza, mas também no contexto real do mundo onde habita. Isso geralmente não é possível (FEYERABEND, 1993, cap. XVII). Nesses termos, o conflito entre a racionalidade e as expectativas foi, segundo Feyerabend, um dos principais motivos da constante reformulação dos cânones da racionalidade, encorajando o surgimento do naturalismo.

Do ponto de vista do naturalismo, a razão recebe conteúdo e autoridade da prática, descrevendo o modo como a prática funciona e formulando seus princípios subjacentes. Para Feyerabend, o naturalismo também não é satisfatório, na medida em que seus critérios de orientação são extremamente limitados e não apresentam critérios de escolha entre práticas.

O anarquismo ingênuo, por sua vez, afirma a limitação e inutilidade de todas as regras e critérios no âmbito científico. Feyerabend critica essa posição, na medida em que, na sua perspectiva, as pesquisas são orientadas por regras e princípios. Como afirmado anteriormente, o que pensador rejeita são regras e princípios universais independentes de contextualização, não todo e qualquer tipo de padrão de orientação de pesquisas. Da análise e crítica desses pontos de vista acerca das interações entre razão e prática, Feyerabend propõe o que denomina de *interacionismo*.

A posição interacionista de Feyerabend afirma que a razão se constitui num guia para a prática, ao mesmo tempo em que, pela sua aplicabilidade a uma situação prática específica, ela é modificada, corrigida e aperfeiçoada. Não há, nesse contexto, privilégio da razão sobre a prática nem da prática sobre a razão; ambas são necessárias e não podem existir independentemente uma da outra. Como o próprio autor afirma: “[...] razão e prática não são dois tipos diferentes de entidades, mas *partes de um só processo dialético*” (Idem, p. 223). Assim, os padrões racionais não são considerados fixos, universais, com autoridade independente do contexto específico ao qual se aplicam, nem são totalmente vazios, preenchendo-se única e exclusivamente através do conteúdo fornecido pela prática. Esses padrões são flexíveis e contêm idealizações que podem ser transformadas ou substituídas, dependendo do material histórico e contextual com o qual venham a interagir.

A prática, por sua vez, não é simplesmente o material bruto que é regulado pela razão, nem simplesmente o que permite à razão mover-se num âmbito concreto. A razão depende da

prática para que seus princípios sejam compreendidos e efetivados, e a prática depende da razão para que seus conteúdos sejam organizados. Essa dependência traduz-se em termos de interação, na qual a própria prática só é apreendida como tal na sua relação com a razão e vice-versa.

Em síntese, Feyerabend pretende salientar a igualdade de condições tanto da prática quanto da razão. Elas intervêm de igual modo entre si, não interagindo somente uma com a outra, mas com todo o contexto mais amplo do qual fazem parte:

O interacionismo sustenta que a Razão e a Prática intervêm na história igualmente. A Razão já não é um agente que dirige as outras tradições, mas é uma tradição por direito próprio, com tanto (ou tão pouco) direito a ocupar o centro de cena como qualquer outra tradição (FEYERABEND, 1982, p. 3).

Esse modo de apreensão das relações entre razão e prática conduz Feyerabend a afirmar que ambas (razão e prática) são “práticas”:

O que é chamado “razão” e “prática” são dois tipos diferentes de prática, estando a diferença em que um exhibe claramente alguns aspectos formais simples e facilmente documentáveis, fazendo-nos, assim, esquecer as propriedades complexas e dificilmente entendidas que garantem a simplicidade e a documentabilidade, enquanto a outro esconde os aspectos formais sob uma grande variedade de propriedades acidentais (FEYERABEND, 1993, p. 224).

O autor, ao afirmar que prática e razão são diferentes tipos de prática, amplia suas reflexões e procura também analisar como procedem as relações entre a prática científica, a prática racional e outras práticas ou, do modo como o autor alude, a tradição científica, a tradição racional e outras tradições.

O interacionismo permite a compreensão da posição de Feyerabend acerca das relações entre os princípios racionais e a prática efetiva da ciência. O autor descarta a existência de uma razão universal, independente da prática e contextualiza a racionalidade (ou razão). Desse modo, torna-se possível falar, não *da* racionalidade, compreendida nos termos de um padrão universal, mas de *racionalidades*, as quais levam em consideração diferentes modos de apreensão e significação da realidade. A ideia de racionalidades não conduz a uma fragmentação do conhecimento, mas a uma vinculação, através de procedimentos interativos, de diversos contextos científicos, na medida em que se desenvolve vislumbrando as interações entre diferentes práticas.

Nesses termos, o modelo lógico-conceitual é refletido num determinado enfoque contextual e conduz à aquisição do conhecimento não no sentido de um conhecimento científico acumulado por sua obtenção através de um método único para vários contextos cognitivos, mas no sentido de um conhecimento que varia e se modifica de acordo com o contexto de teorização, de análise e de pesquisa em que esteja inserido.

A ciência, nesse âmbito, pode ser apreendida como uma atividade com adequação teórico-fatual, não no sentido simples de comparação de uma teoria com uma experiência, mas no sentido de permitir procedimentos cognitivos que comparam teorias entre si, experiências entre si e teorias e experiências entre si. Isso se daria sem a imposição de práticas e visões umas sobre as outras, mas através da convivência mútua de diferentes pontos de vista e da possibilidade de apreensão de diferenças e semelhanças desses modos de apresentação e compreensão do mundo. A lógica, por sua vez, pode ser considerada dentro da multiplicidade de sistemas formais e visões de mundo. As razões, tanto lógicas quanto empíricas, são consideradas no âmbito próprio das diferentes situações científicas, não sendo as únicas relevantes para o progresso científico, sugerindo uma nova interpretação do que sejam “boas razões” numa interação direta com a “subjetividade” e valores do indivíduo.

Feyerabend se apresenta como contrário ao racionalismo que inibe a imaginação, criatividade, emotividade e individualidade humanas; inibição que, segundo ele, restringe a liberdade do indivíduo, na medida em que este tende a deixar de lado suas ideias individuais, suas escolhas alternativas e valores que guiam tais escolhas, para seguir o padrão imposto por um único e atemporal método, por um conjunto uniforme e predeterminado de regras e princípios. Nessa perspectiva de contextualização e pluralidade racional, ao salientar o papel do sujeito cognoscente e de suas interações com a multiplicidade contextual da prática da ciência, Feyerabend abre espaço para que se pense o racional em termos de formação de juízos individuais e desenvolvimento contínuo de estratégias de pesquisa.

Apesar desse julgamento ser uma habilidade de indivíduos, ele possui um elemento comunitário. Isso implica que as crenças racionais ficam submetidas à apreciação, avaliação e criticismo da comunidade envolvida, assim como ocorre com qualquer afirmação científica (até mesmo as obtidas por algoritmo).

3 – DO RACIONAL CONTEXTUAL-PLURAL AO RELATIVISMO

Do racional contextual-plural podem surgir questionamentos acerca dos limites da proposta feyerabendiana com relação à ciência e sua caracterização relativista.

A questão do relativismo se manifesta, em momentos diferentes, de formas diferentes ao longo da obra de Feyerabend. Primeiramente, nas suas reflexões acerca do mérito da ciência e de sua função na sociedade, ele se apresenta como favorável ao que denomina *relativismo político* (ou democrático). Com o relativismo político, Feyerabend pretende explicitar que tal postura, baseada na tolerância, permite a convivência dos resultados de realizações de diferentes contextos e culturas (por exemplo, culturas consideradas científicas e culturas consideradas não científicas), sem que isso acarrete a imposição de um único modo de proceder como padrão de avaliação de investigações e de descobertas.

Mais tarde, o pensador amplia seu relativismo político que o conduz à defesa de um relativismo epistemológico no qual noções como “verdade”, “objetividade” e “realidade” passam a ser apresentadas como dependentes de opiniões e contextos específicos de pensamento. Feyerabend afirma que a própria decisão acerca do que pode vir a ser apreendido como verdadeiro é uma questão de decisão das majorias. Os questionamentos que dizem respeito à “verdade”, à “realidade” e à “objetividade” devem ser submetidos ao controle da maioria dos cidadãos, não podendo os *experts*, assumindo terem acesso à verdade, evitar esse controle. O autor defende a ideia de que as decisões referentes à aplicabilidade e valor do empreendimento científico não devem ser decisões que digam respeito a um grupo específico de pessoas – os cientistas –, mas aos cidadãos afetados por essa prática

Posteriormente, na expressão madura de suas ideias, Feyerabend reconsidera algumas afirmações acerca de sua posição relativista mais ampla, abandonando o relativismo epistemológico e limitando seu relativismo político. O período de reconsideração de suas afirmações relativistas coincide com a apresentação mais objetiva de sua proposta de racional contextual-plural para a ciência. Sua ênfase na questão dos contextos, não advogando princípios e padrões fora de contextualização, e enfatizando a necessária comunicação e interação entre contextos, faz com que ele conceba a possibilidade de existência de teorias que permitam a interação com uma realidade não condicionada pelas opiniões dos indivíduos.

Feyerabend, apesar do recuo, mantém a afirmação de que não há uma única rede teórica possível através da qual se apreende a realidade, mas diferentes modos de acesso à essa realidade. Ele mantém o componente subjetivo da construção do conhecimento e a ciência continua a ser pensada como uma realização humana, construída historicamente, na qual não

há a pretensão de estabelecimento e explicação definitivos da relação do sujeito com a realidade.

Com respeito à interação entre os contextos, Feyerabend mantém sua postura de tolerância, mas não sem limites nem critérios, respeitando toda e qualquer tradição como se estas fossem entidades fechadas com procedimentos próprios e valor intrínseco, não devendo, desta forma, serem influenciadas. Essa tolerância é limitada, agora, pela possibilidade de influência entre os contextos, o que, neste momento de expressão de suas ideias, traduz-se na seguinte afirmação:

As diferenças entre linguagens, formas de arte, costumes não são negadas. Mas, eu poderia atribuir a elas acidentes de situação e/ou história, não claro, ambíguos, e essências culturais móveis: *toda cultura é potencialmente todas as culturas* (FEYERABEND, 1994, p. 21).

O autor, na sua autobiografia, reforça essa afirmação:

Considerando o quanto as culturas aprenderam umas com as outras, e o engenho com que elas transformaram o material assim reunido, cheguei à conclusão de que *toda cultura é potencialmente todas as culturas*, e que as características culturais específicas são manifestações mutáveis de uma *única natureza humana*. Esta conclusão tem importantes consequências políticas. Ela implica que as peculiaridades culturais não são sacrossantas. Não existe algo como uma supressão ou um assassinato “culturalmente autênticos”. O que há é apenas supressão ou assassinato – e ambos devem ser tratados como tais, com determinação, se necessário. Dando-nos conta, porém, das potencialidades para a mudança inerentes a cada cultura, devemos abrir-nos à mudança antes de tentar mudar os outros. [...] o objetivismo e o relativismo não são apenas insustentáveis como filosofias: são maus guias para uma colaboração cultural frutífera. Alguns de meus primeiros escritos sustentavam exatamente isto – mas levei muito tempo para perceber. Desta forma, eu não estava apenas à frente dos outros: eu estava à frente de mim mesmo (FEYERABEND, 1996, pp. 159-160).

Como já mencionado, o racional contextual-plural se torna mais estruturado e evidente na expressão madura do pensamento feyerabendiano e, com relação a tal momento, identificamos também as reconsiderações de Feyerabend acerca de sua postura relativista. Nesse momento, é possível identificar a proposição de existência de um mundo, de uma realidade para além do aspecto totalmente subjetivo.

4 – DO RELATIVISMO AO REALISMO

O realismo também é um conceito oscilante no decorrer da obra feyerabendiana. O autor, num primeiro momento de desenvolvimento de suas ideias, em especial nos textos anteriores à primeira publicação de *Contra o Método* e nas versões iniciais de tal texto, assume uma postura realista em contraposição à atitude instrumentalista, afirmando textualmente ser “o realismo sempre preferível ao instrumentalismo”.

Nessa versão realista adotada por Feyerabend, as teorias escolhidas como base para a investigação são interpretadas como afirmando algo acerca da ontologia do mundo que consideram como objeto de pesquisa. Assim, o alvo do empreendimento científico é a natureza das coisas e as teorias apresentam-se como tentativas de compreensão dessa natureza. Preston, ao comentar essa posição realista, afirma: “(...) Feyerabend insiste que teorias nos dizem o que as coisas *são*, sua verdadeira *natureza*, num mundo que existe independentemente de medida e observação(...)” (1997, p. 61).

Tal realismo pode ser compreendido à luz da proposta de Nola a respeito das formulações semânticas do realismo² e pode se enquadrar no que Hacking denomina *realismo acerca de teorias* que se opõe, conforme o autor, ao *realismo acerca de entidades*. Segundo Hacking:

O *realismo acerca de entidades* diz que uma boa parte das entidades teóricas realmente existe. (...) O *realismo acerca de teorias* diz que as teorias científicas são ou verdadeiras ou falsas independentemente do que nós conhecemos: a ciência visa a verdade, e a verdade é como o mundo é (1994, p. 27).

No *realismo acerca de teorias*, adotado por Feyerabend,³ os princípios teóricos mostram-se como fundamentais, mas nem todas as teorias são interpretadas de uma maneira realista. Somente são interpretadas como tal as teorias escolhidas como base para a investigação.⁴

De acordo com essa postura, essas teorias são assumidas como verdadeiras, mesmo que não tenha havido demonstração de sua verdade ou que elas entrem em conflito com fatos e visões bem estabelecidos. Tal suposição de verdade indica uma estratégia de pesquisa e fornece alternativas na resolução de problemas não através da consideração de instrumentos de medida

² Formulações que se relacionam aos valores de verdade das sentenças ou aos referentes dos termos de uma teoria.

³ Realismo que não implica critérios de verdade independentes do contexto.

⁴ Em *Contra o Método*, esse critério é abandonado e substituído pelo seguinte: se as teorias forem interpretadas como dizendo a natureza das coisas e suas relações, essas teorias serão vistas, no instrumentalismo, como instrumentos para operar sobre as coisas (seja de que natureza forem).

disponíveis em determinados momentos ou pela análise dos efeitos práticos e previsões que determinada teoria permite (o que conduziria ao instrumentalismo), mas através da consideração do que as teorias pretendem dizer acerca do mundo, pressupondo a existência de um mundo.

Em suma, Feyerabend, através desse realismo, salienta a possibilidade de diferentes formas de apreensão do mundo, mostrando a realidade não como pressuposto fixo do conhecimento, mas como o que permite a formulação e expressão dos diferentes modos de relação do ser humano com a natureza. Porfírio Silva refere-se a esse realismo como um *realismo hipotético* – hipotético pela suposição (e não determinação) de verdade de certas teorias e pelo seu próprio caráter de hipótese. Afirma Silva:

(...) o realismo hipotético [assumido por Feyerabend] não adota qualquer forma de realismo ingênuo e integra a compreensão de que a história da ciência já evidenciou largamente como é pretensioso considerar demonstrada, em qualquer momento, a verdade de uma dada teoria. Por isto, não parte do princípio e que as teorias que escolheu como base para a investigação foram mostradas verdadeiras: limita-se a assumi-las como verdadeiras. Para Feyerabend, o realismo é em si mesmo uma hipótese (uma teoria particular) acerca da relação entre o homem e o mundo – e não um pressuposto inalterável e definitivo do conhecimento (1995, p. 256).

Feyerabend, num período posterior de suas reflexões, muda o foco de suas considerações e não desenvolve sua análise nos termos da contraposição entre realismo e instrumentalismo, mas nos termos de uma terceira postura – o relativismo.

Para Feyerabend do *Adeus à Razão*, que assume uma postura relativista que pode ser considerada forte, a distinção entre mundo real e mundo das aparências é um artifício do racionalismo tradicional que introduziu a ideia de que existe uma realidade simples e regular e que permite igual acesso a todos. Mas, conforme o autor, isso de fato não acontece, pois o que há é o acesso a um mundo que comporta várias determinações do “Real”.

Nesse momento, Feyerabend critica as associações que a distinção entre “realidade” e “aparências” comporta, ou seja, a ideia de que, por um lado, há o “real” permanente, universal, independente do sujeito e verdadeiro e, por outro, há as “aparências” mutáveis, efêmeras, etc. Para o autor, a realidade é muito rica e determinada pelas diferentes formas que os sujeitos a apreendem, sem o privilégio de uma forma (que seria a “realidade”, o “real”) sobre as outras (“aparências”):

Os “problemas da realidade” surgem quando os ingredientes de universos complexos são subordinados a conceitos abstratos e depois avaliados, isto é, declarados “reais” ou “imaginários” nessa base. Não são fruto de modos de pensar mais sofisticados; surgem em virtude de questões delicadas serem comparadas com ideias em bruto e consideram-se destituídos de rudeza (FEYERABEND, 1991b, p. 81).

Essa postura de Feyerabend é modificada nos seus escritos tardios, onde ele reconsidera algumas afirmações relativistas. O realismo hipotético é retomado e o autor reafirma a possibilidade de diferentes modos de apreensão de uma realidade cuja existência não se determina pelas percepções e opiniões individuais, mas que existe independentemente de ser apreendida. No “Postscript on Relativism”, na terceira edição de *Contra o Método*, Feyerabend salienta essa posição:

Eu voltei a utilizar o termo “relativismo”, mas em outro sentido. Na segunda edição do presente livro, eu expliquei esse sentido afirmando que ‘os cientistas eram escultores da realidade’. O que se parece com o ‘programa forte’ da sociologia da ciência, exceto pelo fato de que os escultores se restringem às propriedades do material que eles utilizam (FEYERABEND, 1993, p. 269).

O que Feyerabend pretende salientar (e mantém no decorrer de sua obra) é a complexidade da realidade e a impossibilidade de reduzi-la a uma única percepção, expressão e linguagem, como, por exemplo, a apresentada pela ciência. O autor, em *A Conquista da Abundância*, afirma:

(...) concludo que também as noções não científicas recebem uma resposta da Natureza; que a Natureza é mais complexa do que uma crença na uniformidade e singular excelência que a ciência poderia sugerir; e que seria uma tarefa interessante, para um escritor capaz de olhar além dos limites de uma escola particular, considerar algumas das suas propriedades (FEYERABEND, 2006, p. 261).

E, na sequência, enfatiza que:

A ideia de que a realidade é uniforme, mas infável não é o único meio possível de ordenar o que pensamos que sabemos. Outra maneira que, no que se refere a mim, é menos unilateral (embora compatível com a tese da uniformidade) seria admitir que há muitas espécies diferentes de objetos e de aspectos; que elas se relacionam umas com as outras de formas complexas; que algumas delas – tais como as modas na arquitetura, no mobiliário e no vestuário – refletem interesses humanos, enquanto outras, embora manufaturadas com o auxílio de um equipamento complexo, parecem ser mais independentes; e que essa hierarquia torna-se mais obscura quanto mais tentamos nos remover dela. Até agora, um realismo unitário que pretenda possuir conhecimento positivo da Realidade Última somente teve sucesso pela exclusão de grandes áreas de fenômenos; ou declarando, sem prova, que elas poderiam ser reduzidas à teoria básica, a qual, nessa conexão, significa a física de partículas

elementares. Um pluralismo ontológico (epistemológico) parece estar mais próximo dos fatos e à natureza humana (FEYERABEND, 2006, p. 287).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feyerabend propõe que se encare a ciência dentro da multiplicidade de sua prática real, recusando a ideia tradicional de que o método, através da orientação universal e imutável de pesquisas, permite a demarcação do conhecimento científico. O autor, através de sua crítica ao racionalismo (caracterizado pela universalização de critérios) e de sua proposta de análise da ciência, recusa a pretensão de isolar a ciência como a única maneira dos seres humanos compreenderem o mundo que os rodeia.

A negação feyerabendiana da universalidade possibilita inferir sua defesa de um racional contextual-plural no contexto científico, na medida em que ele salienta que as diretrizes metodológicas vão se constituindo no decorrer do processo investigativo, nas circunstâncias concretas nas quais o cientista está engajado. Isso, por sua vez, ressalta a perspectiva de pluralidade na ciência – uma pluralidade metodológica que envolve pluralidade epistemológica.

A contextualização e a pluralidade implicam uma postura relativista por parte de Feyerabend. O relativismo feyerabendiano é expresso de diferentes formas, em diferentes momentos e, portanto, a afirmação da relativização do conhecimento deve sempre ser seguida de especificações do elemento relativizado. Isso permite compreender que o racional contextual-plural, complementado pela defesa de um certo tipo de relativismo, não exclui o aspecto realista da ciência.

Caso a abordagem de Feyerabend fosse examinada numa perspectiva tradicional, sua atitude se enquadraria numa contradição – o autor seria ao mesmo tempo racionalista, relativista e realista. Mas, as questões que dizem respeito às noções de racionalidade científica, relativismo e realismo carregam consigo elementos extremamente complexos. A mera afirmação de que determinada posição é racionalista, relativista e realista torna-se superficial quando não especificada seus termos. Se considerarmos que existe uma variedade de relativismos e realismos, seja a nível conceitual ou no próprio pensamento feyerabendiano, se torna possível apreender os momentos específicos nos quais as propostas de Feyerabend sustentam, ou não, a defesa simultânea de uma certa noção de racionalidade e de uma posição relativista e realista.

O racional contextual-plural, extraído sobretudo dos escritos tardios de Feyerabend, permite compatibilizar sua racionalidade contextual e múltipla com sua atitude relativista restrita e com o realismo resgatado de suas ideias.

Em síntese, a possibilidade de compatibilização de elementos racionais, relativistas e realistas abre espaço para novos questionamentos sobre tais noções. Isso permite diferentes apreensões das relações entre racionalismo, relativismo e realismo, possibilitando, assim, que se vislumbre o próprio realismo científico sobre diferentes perspectivas.

Nesses termos, é possível afirmar que a posição feyerabendiana não exclui a existência de “boas razões” para um determinado empreendimento na ciência. Tal posição simplesmente apresenta a possibilidade de particularização dos modos de consideração de linguagens, entidades, conhecimentos, dados observacionais, métodos, etc.

Esses modos de particularização não somente permitem a sustentação da afirmação da multiplicidade científica (de linguagens, procedimentos, critérios, fins e objetivos), mas conduzem a questionamentos dos limites da própria ciência, racionalidade e de seu aspecto realista.

REFERÊNCIAS

FEYERABEND, P. *Realism, Rationalism and Scientific Method: Philosophical Papers*, vol. 1. Cambridge university Press, 1981a.

_____. *Problems of Empiricism: Philosophical Papers*, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1981b.

_____. *La Ciencia en una Sociedad Libre*. Madrid: Siglo Veintiuno de España, 1982.

_____. *Diálogos sobre el Conocimiento*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1991a.

_____. *Adeus à Razão*. Lisboa: Edições 70, 1991b.

_____. *Diálogos sobre o Método*. Lisboa: Editorial Presença, 1991c.

_____. *Contra o Método*. Lisboa: Relógio D' Água Editores Ltda, 1993 (tradução da edição revista de 1988).

_____. *Contra o Método*. Trad.: Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora Unesp, 2007 (tradução da edição inglesa de 1993).

_____. “Potentially Every Culture is All Cultures”. *Common Knowledge*. pp. 16-22, Fall 1994.

_____. *Matando o tempo: uma autobiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996.

_____. *A Conquista da Abundância*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

HACKING, I. *Representing, and Intervening*. New York: Cambridge University Press, 1994.

PRESTON, J. M. *Feyerabend: Philosophy, Science na Society*. Cambridge: Polity Press, 1997.

SILVA, P. *A Filosofia da Ciência de Paul Feyerabend*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Halina Macedo Leal

Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP (2005), com estágio de doutoramento na Universidade de Stanford, Califórnia. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2001). Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1998). Realizou estágio de Pós-Doutorado em Filosofia na Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus Toledo (2014). Professora da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR-FURB). Desenvolve pesquisas nas áreas de Teoria do Conhecimento, Filosofia da Ciência, Lógica, Ética, Questões de Gênero, Racismo, Feminismo Negro, Mulheres Quilombolas, Territorialidade e Desenvolvimento. É coeditora do Blog Mulheres na Filosofia da UNICAMP. E-mail: halina.leal@gmail.com

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 05 de dezembro de 2023

Aprovado em: 17 de dezembro de 2023

Publicado em: 24 de dezembro de 2023